



# Atitude: desdobramentos e confrontos do treinamento do ator no processo de criação do espetáculo *Cidade Submersa*

**MARÍLIA GABRIELA AMORIM DONOSO**

**JORGE PELOSO DE AZEVEDO**

**RESUMO:** O escopo deste artigo é delimitar o conceito de atitude como elemento prático do trabalho realizado pelos atores do grupo IMPULSO Coletivo durante o processo de criação do espetáculo *Cidade Submersa*. O texto apresenta-se como um relato de trabalho, no qual abordamos as diversas etapas que a ideia de atitude tomou durante o processo criativo, desde seu surgimento como uma metáfora durante o treinamento físico, até seu desdobramento como uma noção-chave que se expandiu para além das fronteiras do espaço fechado e do tempo predeterminado dos ensaios, na medida em que o processo de criação ampliou-se como uma proposta de ação política na comunidade da Vila Itororó, localizada no bairro da Bela Vista, São Paulo. A noção de atitude configurou-se como um conceito operante do processo de criação, definindo-se como uma postura ativa que funde aspectos éticos e técnicos

**ABSTRACT :**The purpose of this article is to delimit the concept of attitude as a praxis' element in the work developed by the actors from IMPULSO Coletivo during the creative process of the play *Cidade Submersa*. The text is presented as a process report, which approaches various stages about the attitude concept during the creative process, from its emerging as a work's metaphor during the actors' training, till its unfolding as a key-notion that grew beyond the rehearsal boundaries of a closed space and a predetermined time, in so far as the creative process broadened out as a policy proposal in Vila Itororó community, localized in Bela Vista, São Paulo. The attitude's notion has designed itself as an active posture that merges ethics and technical's aspects in order to enables the actor to become involved in the creative's experience in an entire way.

no trabalho do ator com vistas a implicar-se de forma integral na experiência da criação.

**PALAVRAS-CHAVE:** treinamento do ator; atitude; **KEYWORDS:** actor's training; attitude; creative process.

*Qualquer coisa que faça, faça-a com todo o seu ser.*

Eugenio Barba

Após quatro anos de pesquisa<sup>1</sup> contínua dentro do IMPULSO Coletivo, na qual passamos por distintas etapas de investigação que abarcaram treinamento técnico de ator, pesquisa de campo, coleta de depoimentos e materiais, estudos teóricos e práticos, ensaios abertos, debates e apresentações em espaços não-convencionais, percebemos que uma noção perpassou todas as fases deste trabalho – a atitude. O escopo deste artigo é delimitar o conceito de atitude a partir da análise do processo criativo do espetáculo Cidade Submersa.

Em 2007, formamos o IMPULSO Coletivo com o intuito de pesquisar práticas de treinamento que potencializassem a expressividade corporal e o processo criativo do ator na elaboração de um espetáculo. Para isso, recorremos à metodologia do grupo Lume Teatro, no que se refere ao treinamento técnico e energético, e a referências provenientes da mímica moderna e do teatro físico, como Etienne Decroux, Jacques Lecoq, Jerzy Grotowski e Eugenio Barba. Nosso ponto de partida foi uma sequência de exercícios trazida do workshop “Voz e ação vocal” realizado por Carlos Simioni, ator e fundador do Lume, na qual desenvolvemos e nos apropriamos de uma série de noções práticas como: equilíbrio precário, dilatação corporal, elementos plásticos, base, dinamização e contenção da energia, dança pessoal, entre outros. Seguimos investigando essas noções por um ano, incorporando exercícios trazidos de outros workshops e reformulações feitas a partir de orientações diretas resultantes de encontros com Renato Ferracini, também ator-pesquisador do Lume Teatro.

No primeiro ano de trabalho, nosso foco estava na investigação das potencialidades expressivas do ator, na relação com o outro e com o espaço, na construção de um estado corporal extracotidiano e nas sensações e afetos por ele gerados. Neste período, consolidamos nossos primeiros “resultados”: a escuta do próprio corpo e do outro, a construção de um fluxo e controle da energia, o enfrentamento dos próprios limites e o fomento da ideia de atitude neste trabalho - uma postura de rigor e integralidade na realização dos exercícios.

---

1. Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado “O treinamento como processo de investigação do ator-criador”, desenvolvido durante os anos de 2008/10 junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, sob a orientação do Prof. Dr. José Manuel Lázaro Ortecho Ramírez. Trabalho disponível em: [http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2010/donoso\\_mga\\_me\\_ia.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2010/donoso_mga_me_ia.pdf)

O IMPULSO Coletivo foi formado pelos atores-pesquisadores Jorge Peloso e Marília Amorim em 2007 a partir da pesquisa teórica e prática aqui descrita sobre treinamento de ator e processo de criação do espetáculo Cidade Submersa. Informações disponíveis em: [www.impulsocoletivo.wordpress.com](http://www.impulsocoletivo.wordpress.com).

Não nos interessava “fazer de conta” um exercício ou buscar unicamente virtuosismo, mas sim enfrentá-lo sem enganar-se, admitindo o cansaço e as próprias limitações, mas ao mesmo tempo desafiando estes limites e lugares de conforto. Algo correlato ao que Eugenio Barba relata a respeito dos primeiros anos de treinamento com os atores no Odin Teatret:

Não é o exercício em si mesmo que conta – por exemplo, fazer flexões ou saltos mortais – mas a motivação dada por cada um ao próprio trabalho, uma motivação ainda que banal ou difícil de explicar por palavras, é fisiologicamente perceptível, evidente para o espectador. (BARBA, 1991, p.59)

A palavra “atitude” surgiu espontaneamente durante nossos treinamentos, funcionando como uma metáfora de trabalho que nos estimulava em momentos de grande esforço e condicionamento físico, ao mesmo tempo em que nos auxiliava a demarcar um sentido pessoal para o processo de criação. Neste percurso, percebemos que o estado extracotidiano gerado em nossos corpos estava vinculado à postura e ao modo com o qual realizávamos o treinamento, conforme relatou Barba. A noção de atitude traduzia uma postura ativa capaz de gerar um fluxo de energia no corpo, de transformar intenções em atos, de romper a inércia do cotidiano, de construir um estado de consciência e vitalidade no trabalho e de dinamizar nos nossos corpos a noção de presença, seguindo o esteio da definição proposta pela Antropologia Teatral.

Eugenio Barba (1995) define a presença como um fluxo de energia capaz de redirecionar o comportamento cotidiano, em que “as tensões que secretamente governam nosso modo normal de estar fisicamente presentes, vêm à tona no ator, tornam-se visíveis inesperadamente”. Nesta perspectiva, a presença não está ligada unicamente aos aspectos físicos ou ao caráter formal e técnico do trabalho, mas à capacidade do ator construir este fluxo no corpo e colocá-lo em relação com outros elementos, como o espaço, os atores, o público, etc.

Esta postura ativa também pode ser encontrada na noção de atitude proposta pela diretora norte-americana Anne Bogart:

A atitude que você escolhe em cada momento predetermina a qualidade e o sucesso de seu esforço. (...) Há muitos ingredientes na atitude, incluindo aspectos temporais e espaciais, suas expectativas, sua habilidade para ajustar, para ser preciso, para ter restrição, e para combinar dúvida com prontidão. Esta característica de prontidão e disponibilidade é um componente intrínseco da atitude. Atores podem sensibilizar a si próprios aos *sats* ou preexpressividade por meio de treinamento. O sucesso desta ação é determinada pela qualidade do momento anterior a ela. (BOGART, 2007, p.100, tradução nossa.)

Atitude foi a postura que colocou em movimento nossas motivações no corpo, fundindo aspectos éticos, ou seja, princípios que orientaram nosso trabalho, como a disponibilidade, a disciplina, a coerência, a persistência, o enfrentamento dos próprios limites, com aspectos

técnicos gerados na nossa corporeidade, como a prontidão, o controle da energia, a escuta dos impulsos, a percepção espacial e rítmica, as qualidades de movimento, os níveis de tensão muscular, o pensamento do corpo em ação.

Eugenio Barba perpassa alguns destes aspectos quando afirma:

O treinamento não é uma forma de ascetismo pessoal, uma dureza hostil em relação a si mesmo, uma perseguição do corpo. O treinamento é um teste que coloca à prova as próprias intenções, até onde se está disposto a empenhar toda a própria pessoa naquilo em que se acredita e que se afirma; a possibilidade de superar o divórcio entre intenção e realização. Esse trabalho cotidiano, obstinado, paciente, com frequência no escuro, às vezes até em busca de um sentido, é um fator concreto de transformação cotidiana do ator como homem e como membro do grupo (BARBA, 1991, p. 59).

Com o passar do tempo, essa qualidade de presença gerada pelo treinamento começou a extrapolar o espaço/tempo determinado da sala de trabalho, dos ensaios e apresentações, transbordando para outros espaços e relações, passando a interferir diretamente na maneira como nos relacionávamos dentro do grupo, a orientar o delicado jogo entre escuta e fala, entre desejos pessoais e coletivos, e a fomentar uma forma de nos compreendermos como agentes políticos e sociais das escolhas que tomamos durante o processo de criação.

Essa atitude para além da sala de ensaio evidenciou-se quando delimitamos o tema para a criação; partimos da inquietação de desconhecer a história da nossa cidade, São Paulo, e da necessidade de identificar suas memórias e desmemórias, os rastros de uma irreconhecível cultura paulistana, sob a perspectiva do conflito entre o senso histórico de identidade e o crescimento desenfreado da metrópole. Para além da memória urbana oficial e institucionalizada, desconhecíamos a história oral dos habitantes e seus atritos com o espaço urbano. Passamos a buscar o contato com pessoas que constituíram suas histórias nesta cidade e encontramos a Vila Itororó, comunidade localizada no bairro da Bela Vista.

Para coletar e registrar as histórias dos moradores da Vila Itororó, recorremos a procedimentos da técnica da *mimesis corpórea* desenvolvida pelo grupo Lume Teatro. Os procedimentos desta técnica dialogavam com nossas necessidades de pesquisa de campo, pois buscávamos confrontar-nos com a memória oral dos habitantes da cidade e utilizá-la como matéria prima de criação. Segundo Raquel Hirson (2006), a *mimesis corpórea* é uma linha de pesquisa do Lume que busca a imitação, codificação e teatralização de ações físicas e vocais encontradas no cotidiano, possibilitando ao ator a elaboração e o aprimoramento destas para utilizá-las como material artístico. O ator deve observar simultaneamente o todo e o detalhe com precisão, o que implica não só a observação da ação em sua dimensão macro, mas dos seus componentes constitutivos: a intenção, o impulso, o movimento (tempo, espaço, força, fluência) e o ritmo.

No encontro com a Vila Itororó, além da observação das ações físicas e vocais dos moradores e codificação de suas corporeidades, tivemos que considerar o contexto sociopolítico em que estavam inseridos - uma situação de ameaça de desapropriação por parte dos governos estadual e municipal, fato que se efetivou em dezembro de 2011. A noção de atitude ganhou força como conceito operante no e do processo de criação, pois a postura ética e o trabalho requerido nessa comunidade não se

restringiram a mera coleta de histórias dos moradores, mas também se concretizou na maneira e nos caminhos que escolhemos para nos relacionarmos com esse contexto

Como desdobrar a atitude, enquanto ideia que congregava princípios de trabalho coletivo e qualidades geradas no corpo durante o treinamento para a postura frente à Vila Itororó? Tínhamos o desafio de uma elaboração poética que considerasse a pluralidade das vozes locais e o respeito à confiança que construímos junto aos moradores. A fricção entre a experiência na Vila e os resultados galgados na primeira etapa do treinamento desdobrava-se em novas faces: a necessidade de tomada de decisões para a encenação do espetáculo, a formalização do nosso discurso artístico e posicionamento político de apoio à luta dos moradores, a busca pela precisão e clareza das ações físicas e vocais, a complexidade da escuta de elementos simultaneamente – o corpo, o outro, o espaço, os sons, as tensões e divergências de ideias, entre outros.

A relação com os moradores da Vila Itororó nos transformou e tornou mais complexa nossa noção de atitude, pois exigiu uma postura que abarcava, ao mesmo tempo, uma escuta ampla das pessoas, de suas crenças, angústias e necessidades, para que não incorrêssemos no risco de atuar de forma alienada, sem considerar seus valores, ideias e posicionamentos, e uma contundência na nossa ação, detonando proposições de intervenção artística e política no local.

Anne Bogart (2007, p.95) afirma que “um ator/atriz efetivo prolonga-se para o mundo ao mesmo tempo em que se permite receber de volta impressões e ser transformado pela experiência”. Frente à realidade da Vila Itororó, tivemos que quebrar a distância entre pesquisador e campo para atuar como agentes políticos e culturais locais, que buscavam não só coletar informações e materiais para o espetáculo, mas também partilhar relações afetivas, experiência, luta e discurso em ação.

Trabalhamos lado a lado com a Associação de Moradores e Amigos da Vila Itororó (AMAVila), o SAJU (Serviço de Assistência Jurídica da USP) e o Projeto Mapa Xilográfico, dos artistas Diogo Rios e Milene Valentir, frentes que agregavam esforços à luta dos moradores. Realizamos estudos, treinamentos, ensaios e debates com os moradores durante todo o processo de criação, sempre buscando criar laços éticos e uma atuação contundente com a comunidade. Esta série de ações integrou o processo de criação do espetáculo Cidade Submersa como uma proposta de ação política definida – contribuir com a luta pelo direito à cidade e à valorização da memória e da cultural local; processo que culminou com a estreia em maio de 2010, na qual estiveram presentes cerca de 40 moradores da Vila Itororó no Espaço Cultural Casa das Caldeiras, São Paulo.

Os desafios aqui descritos consolidaram nossa noção de atitude como um conceito operante do processo de criação da peça Cidade Submersa, definindo-se como uma *práxis* que amalgama e tangencia princípios recorrentes ao longo do processo – a disponibilidade ao trabalho, a prontidão, o estado de escuta, a coragem para realizar escolhas e tomar decisões, a persistência, a regularidade, a dinamização e controle da energia para cada momento e encontro. A atitude é um vetor de trabalho que se coloca em teste permanente e intencionalmente à medida que avançam os desafios, como afirma Anne Bogart (*ibidem*, p.35) quando diz que “o palco é o lugar onde as estacas são levantadas intencionalmente. Um corpo é colocado em crise intencionalmente. Para um ator, deve custar alguma coisa atravessar o palco”. Para nós, esta postura ativa é o que permite desdobrar e aprofundar as fases do processo de criação de maneira a implicar o ator de forma integral na experiência, possibilitando superar o divórcio entre intenção e realização.

Foto: Alicia Peres



Ensaio aberto na Vila Itororó

## Referências bibliográficas

BARBA, E. *Além das ilhas flutuantes*. Campinas: UNICAMP, 1991.

BOGART, A. *And then, you act: making art in an unpredictable world*. New York and London: Routledge, 2007.

HIRSON, R.S. Mimesis Corpórea – o primeiro passo. In: FERRACINI, R. (Org.). *Corpos em fuga, corpos em arte*. São Paulo: Hucitec, 2006.

Marilia Gabriela de Amorim Donoso é mestre em Artes, linha de pesquisa em Artes Cênicas, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo/SP, Brasil. Fundadora e atriz-pesquisadora do grupo IMPULSO Coletivo, desenvolve pesquisa na área de processos de criação, treinamento do ator e formação de público. E-mail para contato: [impulso.coletivo@yahoo.com.br](mailto:impulso.coletivo@yahoo.com.br).

Jorge Peloso Azevedo é licenciado em Educação Artística, habilitação em Artes Cênicas, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo/SP, Brasil. É fundador, diretor e ator-pesquisador do grupo IMPULSO Coletivo. E-mail para contato: [impulso.coletivo@yahoo.com.br](mailto:impulso.coletivo@yahoo.com.br).